

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$500	1\$900	650	\$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$900	2\$400	-3-	-3-
Estrangeiro (união geral das correias).	5\$800	2\$900	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-

5.º ANNO — VOLUME V — N.º 120

21 DE ABRIL 1882

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



CENTENARIO DE FROEBEL — FREDERICO FROEBEL



SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Frederico Froebel, S. Raposo — As nossas gravuras — O calix do bispo de Coimbra, D. Jorge d'Almeida, A. M. SODRÉS DE CASTRO — Apontamentos para a vida do diabo, DELPHIN D'ALMEIDA — Sepatos do defuncto, LEITE BASTON — Publicações.

GRAVURAS — Frederico Froebel — Sarah Bernhardt — Povoas do Varzim, A praia da banhos — O maestro Frederico Guimaraes — Real theatro de S. Carlos, scena segunda do segundo acto da opera «Beatriz» — Exposição retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa — Calix do bispo de Coimbra, D. Jorge d'Almeida — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Todas as preocupações se calaram perante a grande preocupação do momento — arranjar um bilhete para ir ver a Sarah Bernhardt.

Esta preocupação, justificadíssima pela extraordinaria nomeada da celebre atriz, não é das preocupações mais baratas que ha ali por esse mundo: os contractadores são habilissimos Serpas Pintos, da curiosidade avida do Lisboaeta, e a preocupação custa-lhe um bom par de vintens.

Nós, porém, que não temos que nos preocupar com essa questão de bilhete, que temos já aqui, ao nosso lado, a nossa modesta terceira ordem para as tres noites — côr de rola 1.ª recita — côr de rosa, 2.ª, amarello, 3.ª, — começamos tranquilamente a nossa chronica, tranquilamente, e tristemente, com pungentes recordações, d'aquelle que a morte nos roubou, e á noite no Gymnasio acharemos para a acabar, a nota alegre, e vibrante do entusiasmo, da gloria e da vida.

— Regressou de Paris Raphael Bordallo. Nunca ninguém teve mais tragica e dolorosa viagem de recreio, que elle teve agora n'essa ida a Paris. Foi para lá cheio d'alegria, ia ver Paris, ia ver seu irmão, e ia ver o Guilherme...

Chegou... e o Guilherme esperava-o com uma phrase lugubre.

— Você vem assistir ao meu enterro!

E os dois redactores do *Antonio Maria*, lançaram-se nos braços um do outro profundamente commovidos.

D'alí a dias Raphael dizia para Lisboa:

— O Guilherme está doente, levo-o comigo quando fór...

E a gente esperava que o Raphael Bordallo trouxesse consigo o Guilherme.

Não trouxe.

Não trouxe o Guilherme, mas trouxe a mascara d'elle!

Não se imagina o que ha de horrivel n'essa mascara de gesso; que destroços enormes fez a doença n'aquella cara, que contrações imprevisas imprimiu a agonia n'aquellas feições! Olha-se para a mascara e não se acredita que seja de Guilherme d'Azevedo.

No bigode traz ainda uns punhados de cabellos, arrancados ao cadaver pela cera...

É um horror essa medonha mascara!

O Occidente, como é seu dever, queria consagrar o numero d'hoje ao escriptor notabilissimo e ao honrado rapaz, que foi seu fundador, e que por dois annos foi seu director litterario, mas encontrou para isso uma difficuldade, que já uma vez encontrára no seu caminho, a completa falta de retrato de Guilherme d'Azevedo.

Quando elle partiu para Paris, quizemos nós dal-o aqui, como demonstração do muito que o queriamos e consideravamos; procurámos retratos d'elle: nenhum! Inteiramente nenhum!

Agora lutámos com a mesma difficuldade. Para a vencermos foi-nos preciso o auxilio de Raphael Bordallo que está fazendo de memoria, apenas com a sua reminiscencia saudosa e o seu grande talento, um retrato de Guilherme d'Azevedo.

O proximo numero do Occidente será pois consagrado á memoria querida e honrada do seu antigo director.

— Raphael Bordallo trouxe-nos de Paris uma noticia interessante para todos aquelles que se importam alguma coisa com a arte portugueza.

Essa noticia é que os pensionistas do estado e particulares, que em Paris estão estudando pintura se preparam para concorrer ao proximo Salon.

Esses artistas são Columbano Bordallo, Arthur Loureiro, Pousão, Sousa Pinto e Greno.

Serão os trabalhos de todos accetidos no Salão que é sempre difficil na accettazione dos trabalhos a expor? Sejam ou não, a tentativa é honrosa; e mostra que esses excellentes rapazes trabalham, estudam, e fazem por progredir.

Bordallo Pinheiro traz de Paris umas apreciações muito originacs, e uns pontos de vista inteiramente differentes dos da maior parte da gente que vem embasbacada da França, embasbacar os seus conterraneos com as suas narrativas phantasticas, e as suas admirações imbecis.

É delicioso conversar com Bordallo acerca de Paris e dos parisienses, e se a doença e a morte de Guilherme d'Azevedo não o tivesse pungido tanto, não tivesse anuviado tanto o seu espirito, que bellas impressões de viagem elle não poderia escrever.

— A morte do poeta de casa e tão estimado e querido como este era, fez-nos deixar passar sem a registarmos a morte d'um poeta estrangeiro, a morte de Longfellow.

Longfellow era o Lamartine da America. Dos seus notaveis poemas, um dos mais importantes a *Evangelina* está traduzido em portuguez pelo sr. Arriaga.

O Occidente publicou a pag. 37 do seu 3.º volume, o retrato do grande poeta americano, com um artigo biographico, e esta a razão porque o jornal não dá agora o retrato de Longfellow, e eu não faço aqui a sua biographia.

— E vamos já á procura da nota alegre d'esta chronica, que o espaço falta-nos, e o entusiasmo trashedo do pequeno theatro do Gymnasio, e alastra-se por toda a cidade como um canto triumphal.

É que realmente Sarah Bernhardt, apesar de tudo o que os jornaes de todo o mundo teem dito d'ella, apesar de todos os elogios hyperbolicos, de todos os adjectivos laudatorios que todos os povos do mundo teem arregimentado com mais ou menos bom gosto litterario em volta do seu nome, apesar de todo o bem que se tem dito d'ella, e de todo o bem que d'ella se julga, apesar de tudo isso, Sarah Bernhardt é extraordinariamente superior á sua reputação e ao ideal de actriz excepcional que nós todos formavamos d'ella.

Ao vê-la representar esquece-se tudo: as recordações das noites mais gloriosas da Pezzana, da Pasquali, para não fallar-mos já da Paladini, desapareceram completamente todas as grandes glorias que até hontem admiravamos, são pequenas, sempre picantes, ao pé d'essa fransina mulher loura que tem nos seus nervos de magra e no seu talento de actriz o segredo de todos os successos, e de todos os effeitos inesperados, de todas as commoções profundas.

A *Dama das Camélias*, a peça em que acabamos de vêr Sarah Bernhardt é a revelação completa d'uma actriz *hors-ligne*. Nunca ninguém se serviu da voz no theatro como Sarah Bernhardt se serve: e pela primeira vez Lisboa viu representar o drama pungente e terrivel de Dumas filho. A morte de Margarida Gautier é o que ha de mais terrivel, *saissinant* no theatro.

A ovação feita a Sarah Bernhardt foi enorme. O espaço falta-nos, e na proxima chronica daremos conta das outras recitas de Sarah Bernhardt, que se tem ainda mais talento do que diziam os jornaes francezes, tem tambem um poucoquinho mais de carne do que elles teem dito.

Gervasio Lobato.

FREDERICO FROEBEL

Este benemerito fundador dos *Jardins da Infancia* era filho de João Jacques Froebel, parochou ou pastor protestante na Thuringia, em Alemanha. Nasceu em Oberweissbach, em 21 de abril de 1782. Contava apenas quatro annos de idade quando perdeu sua mãe, começando a sentir assim, tão cedo, os tristissimos effeitos d'uma tão dolorosa orphandade.

Seu pae, theologo inflexivel, deixou quasi que ao abandono a primeira educação de seu filho, cuja orphandade se foi tornando cada vez mais pronunciada e triste, por isso que casando elle novamente, lhe veio dar uma segunda mãe, rude e pouco amavel.

Assim é que, dentro em pouco, mais parecia um estranho, que um membro d'aquella familia; e, d'aqui, querem alguns biographos fazer nascer a futura independencia de genio e de sentimentos, e a grande concentração d'espirito, que o deviam caracterizar mais tarde como chefe revolucionario, e ao mesmo tempo amavel, do ensino popular.

Apenas aprendeu a ler, foi para *Ilm*, para casa de seu tio Frederico, homem bom e amavel, que o recebeu e tratou com todo o carinho: — contava então quasi dez annos de idade. Debaixo d'este tecto hospitaleiro, e á sombra

do amor e dos cuidados que seu tio lhe prodigalisara, foi o nosso orphãosinho desabrochando para a vida litteraria, como a flor desabrocha para a Natureza, vivificada pelos raios do sol e pelos cuidados do jardineiro.

Mais tarde, impellido pela nobre e levantada ambição de estudar e de saber, matriculou-se na Universidade de Iéna, que pouco tempo frequentou, pois, em 1803, vendo-se sem meios de fortuna, e havendo-lhe morrido seu pae, deixou aquella Universidade para entrar como professor em um collegio de Franckfort.

É a partir d'esta época que elle se dedica ao magisterio; e com tal ancía, com tal affecto, com taes disposições, que, em pouco tempo, se torna o discipulo querido do então celebrado pedagogo Henrique Pestalozzi, junto do qual se conserva em Yverdum durante dois annos, desde 1808 até 1810. Em segunda, desejando aperfeçoar a sua instrução, dirigiu-se a Berlim; mas, coincidindo a sua viagem com a sublevação nacional pela independencia allemã, Froebel entra no exercito, e combate com denodo pela independencia da sua patria. Depois da paz, é nomeado inspector do museu mineralogico de Berlim, lugar que deixa em 1816, para se entregar novamente á vida do magisterio. Em 1826 publica a sua primeira obra: «*A educação do homem*», que o torna desde logo conhecido e respeitado. Só em 1837, funda o primeiro *Jardim de Infancia* em Blakemburg, na Thuringia, onde pela primeira vez ensaia e põe em pratica as elevadas concepções do seu espirito observador e os maravilhosos processos d'ensino que, em poucos annos, (apesar da guerra intransigente que lhe moveram os admiradores do passado, os velhos auctoritarios da velha pedagogia *metaphysica*), deviam revolucionar todo o ensino, imprimindo a mais salutar direcção ao espirito da infancia desde a sua mais tenra idade.

Frederico Froebel, combatido e contraditado á *outrance* pela rotina odiosa dos encarnicados defensores do *ipse dixit* magistral, e perseguido pelos governos da Prussia, que acabam por lhe prohibir a fundação de *Jardins de Infancia*, como perigosos á educação nacional, como focos revolucionarios de socialismo infantil, como escolas de atheismo desregrado, como semente de liberdade proscripta, Frederico Froebel o pae amoroso da infancia, o grande apostolo da nova religião do ensino, o crente, o forte, o incorruptivel, o mestre, o heroe, morre em 1852, levando consigo para a campa a doce consolação de haver trabalhado desinteressadamente em beneficio da humanidade, e a firme crença e a bem fundada esperanza de que a sua amavel concepção, o seu methodo, os seus *Jardins de Infancia*, haviam de em breve generalizar-se por todo o mundo civilisado, como luz que illumina e esclarece, como orvalho que refresca e vivifica, como balsamo que suavisa e consola.

Contava então 70 annos de idade.

A Alemanha é o paiz classico da Pedagogia.

A sciencia do ensino conta entre os seus cultores os mais profundos e notaveis espiritos da philosophia espiritualista.

Assim, entre *Cromenius*, patriarcha da escola regenerada, e Froebel, o benemerito reformador do ensino, o illustre fundador dos *Jardins de Infancia*, encontram-se os escriptos da mais alta philosophia pedagogica de Schiller, de Kant, de Ficht, de Schelling, de Hegel, de Herber, e de tantos outros, cujos escriptos abrilhantam as paginas da historia da pedagogia allemã; mas se estes, com seus vãos de aguiá, traçaram as leis que regem o espirito humano em seu progressivo desinvolvimento, outros menos arrojados em suas concepções, porém, não menos benemeritos, deram corpo e objectividade a essas leis, adaptando-as, pela pratica do ensino, ao exercicio quotidiano da vida infantil, dentro e fóra da escola; e por isso, não serão menos louvados e glorificados nas paginas da litteratura pedagogica, os nomes de Cumenius, Herder, Basedow, Camp, Salzmann, Pestalozzi e Froebel, os grandes reformadores do ensino popular na sábia Alemanha.

O principio fundamental que resulta da pedagogia allemã, pôde resumir-se no seguinte: — «É necessario despertar, e pôr em acção, em movimento, em equilibrio gradual e methodico, todas as faculdades do discipulo, reduzindo a intervenção do professor á simples missão de guia, director, interprete, que formula questões, que estabelece problemas, que esclarece erros, que encaminha desvios da intelligencia e da imaginação, de modo tal, que, em todo o ensino, se conservem constantemente equilibradas todas as faculdades da infancia, e que toda a doutrina-

ção se dirija a fortalecer-lhe a iniciativa e a vontade, tomando por ponto de partida a curiosidade insaciável, e por limite o estudo aturado e reflectido.

São estes princípios applicados em toda a sua extensão e intensidade desde as escolas superiores até aos *Jardins de Infancia*, que fazem com que os escriptos dos pedagogistas allemães sejam em toda a parte considerados como mina inexgotável de preceitos educativos para imitar, e de bons modelos a seguir; nenhum, porém, e mais pratico, mais racional, mais methodico, do que o benemerito Froebel.

O systema pedagogico de Froebel, cuja applicação pratica originou a fundação dos *Jardins de Infancia*, deve considerar-se como uma verdadeira reivindicação das leis da Natureza em materia educativa.

Froebel chega a formular todo o seu pensamento reformador, revolucionario mesmo, se attendermos ás ideias pedagogicas predominantes no seu tempo, n'esta profunda synthese: — *Os Jardins de Infancia tem por missao unica e superior reentregar á Natureza as crianças que a loucura dos homens lhe roubou: — Não deve o homem separar aquelles que Deus reuniu tao sabiamente.*

E verdade que, já antes d'elle, a sciencia do ensino tinha proclamado a necessidade d'uma reforma radical no dominio da methodologia; já se tinha reconhecido a importancia da educação nos primeiros periodos da vida; porém, só a Froebel foi dado descobrir os meios de despertar, estimular e guiar methodica e racionalmente o desenvolvimento natural do corpo e do espirito durante os primeiros annos da existencia.

O que Pestalozzi fizera introduzindo e naturalizando nos dominios da escola primaria o methodo analytic, experimental, intuitivo, racional dos grandes pedagogistas philosophos da Alemanha, fel-o ainda com mais feliz resultado e com mais racional intuição Frederico Froebel nos *jardins d'infancia*, tomando o filho a mãe balbuciente, e apresentando-o mais tarde ao professor, forte, robusto, alegre, equilibrado em suas faculdades, apto para receber a semente da verdadeira instrucção.

Froebel tendo achado a comprehensão exacta de todas as tendencias naturais e de todas as necessidades espirituales da creança, descobre tambem as leis que a devem reger em todas as suas manifestações; e, dando objectividade ao seu pensamento, á sua luminosa observação, cria e systematiza os processos praticos, intuitivos, infantis, attractivos e alegres que devem regular e methodizar o movimento, a curiosidade, a intelligencia o sentimento da infancia, estabelecendo assim o perfeito equilibrio de um gradual e progressivo desenvolvimento das faculdades physicas, intellectuales e moraes do homem, tal como a sciencia moderna o demonstra, e a natureza o reclama, desde todo o sempre.

Qualquer que se proponha observar com attenção a marcha ordinaria, a marcha natural do desenvolvimento das faculdades intellectuales, conhecerá logo que os exercicios por intuição constituem um trabalho methodico precioso para a educação do pensamento em completa harmonia e conformidade com as leis da Natureza.

Estes processos d'ensino apresentam á observação presencial directa, aos sentidos, á percepção intuitiva das creanças, uns após outros, os diferentes objectos, os diferentes factos, os diferentes phenomenos do mundo externo: — fazem-lhes ver e examinar attentamente, em todos os seus detalhes, sob os diferentes pontos de vista mais interessantes, — gravando-lhes assim na memoria ideias nitidas, claras e precisas: — habituando-os a contemplar cada phenomeno e a exprimir cada ideia com precisão e com verdade, e a representar cada objecto, cada percepção com a maxima clareza. Finalmente, o ensino intuitivo, educa os orgãos dos sentidos e desenvolve as faculdades intellectuales segundo as leis naturais do desenvolvimento humano.

Por meio dos processos intuitivos se vão enriquecendo as faculdades infantis, hora a hora, dia a dia, progressivamente, com um consideravel numero de conhecimentos justos, precisos e verdadeiros.

É necessario pois abandonar a velha pedagogia; e, segundo os processos do ensino intuitivo, educar, desde a mais tenra idade, os sentidos e a razão da infancia. — É preciso dar ás massas da população noções exactas e precisas do mundo material que as rodeia, do mundo industrial em

que exercem a sua actividade productora, do meio moral e do meio social em que vivem!

A educação dos sentidos deve pois, começar logo que a criança começa a tomar interesse por tudo quanto a rodeia, e tornar-se mais efectiva e persistente, a partir dos tres annos em diante. N'esta idade a agudeza da vista e do ouvido começa a ser prodigiosa; é então que o mundo externo penetra desassombadamente no espirito por todos os sentidos.

A vida da criança, n'este periodo e até aos 7 annos pode considerar-se toda ella — *sensação, movimento, curiosidade.*

Toda a criança é curiosa. A observação nasce da curiosidade; e o que convem n'estas idades, é dirigir esta curiosidade insaciavel, sem contrariar as leis da natureza, entretendo os sentidos e prendendo a attenção pela impressão e observação de objectos agradaveis. A observação e a attenção provocam a imitação.

Toda a criança é imitadora por necessidade; e por gosto; é preciso pois regular esse desejo, e essa necessidade, fornecendo á sua actividade bons modelos, quer dizer, exemplares apropriados á sua força physica e ao desenvolvimento gradual das suas faculdades.

A criança não pertence á escola antes dos 7 annos. Aos paes e aos *jardins d'infancia* compete educal-as até essa idade. E como? Observando os instinctos, dirigindo as inclinações, prevenindo os accidentes, aplanando os caminhos — educando os sentidos — satisfazendo ás suas necessidades infantis.

A medida que a criança se desenvolve e fortalece physicamente, e preciso despertar n'ella a curiosidade, a observação, a attenção. O desenvolvimento physico está dependente da regulamentação da comida e da bebida; do exercicio physico e do bom regimen hygienico: O desenvolvimento intellectual da boa regulamentação dos exercicios intuitivos. O fim d'esta educação preliminar, até aos 7 annos, consiste em preparar quasi que insensivelmente as faculdades physicas, as faculdades intellectuales, o sentimento moral e de obediencia, á disciplina da escola e da instrucção — e preparar o terreno para receber a semente e fazer a produçãõ por um.

Finalmente, se a educação da criança deve começar desde o berço, o que não admite duvida nem pode ser contestado, visto que e de habitos que ella depende e se forma, é incontestavelmente ás mães que pertence este doce encargo — o encargo dos primeiros exemplos, e das primeiras lições. São as mães as melhores interpretes dos gritos confusos e das manifestações instinctivas dos filhos do seu affecto.

A linguagem da criança manifesta-se por gestos e por gritos inarticulados: não é uma linguagem mimica, theatral; é uma pura manifestação instinctiva da sua actividade e das suas primeiras necessidades.

Entre os 9 e 12 mezes começa a apparecer a linguagem articulada: — raras vezes antes dos 14 ou 18 mezes a criança articula distinctamente as duas palavras mais simples, mais facéis, mais universaes e amovaveis — *mamã, papã.*

A phrase inteira só começa a ser pronunciada depois dos 3 ou 4 annos. É a datar d'este periodo que a educação deve começar a valer.

Se não ha defeito physico, ingenito ou adquirido por desastre ou má educação, a criança mostrar-se-ha então apta para seguir com proveito e com regularidade as leis naturais do seu triplice desenvolvimento, methodizado pelo ensino froebeliano.

Toda a creança desenvolve n'esta idade uma grandissima força de curiosidade, de imaginação, de aptidão imitativa, que lhe facilita a acquisição de multissimos conhecimentos reaes e duradouros; e é hoje axioma pedagogico, que só os exercicios de intuição, segundo os processos froebelianos, estabelecem fundamentos solidos á instrucção popular, quer na ordem physica, quer na ordem intellectual e moral da educação.

A grande obra, porém, que Frederico Froebel iniciou e evangelizou com tanto amor e com tanta abnegação, não está ainda completa.

Cumpra-nos a nós, os filhos d'este seculo assombroso por suas descobertas scientificas e utilitarias, e mais assombroso ainda por suas aspirações, alargar os horisontes de conquista que o grande mestre só por intuição pôde adivinhar talvez.

Que o leitor nos desculpe; as observações doutrinaes e pedagogicas que acabamos de esboçar, resumem d'uma maneira imperfeitissima a doutrina do immortal pedagogo allemão, nem ou-

tra cousa poderíamos fazer dadas as condições em que nos encontramos. A apreciação de Froebel, da sua obra, do seu methodo, da revolução profundissima que a sua doutrina imprimiu á sciencia do ensino, não é assumpto que possa tratar-se em um artigo de publicação ligeira, nem empreza a que possa abalancar-se um pobre professor primario.

S. Raposo.

AS NOSSAS GRAVURAS

SARAH BERNHARDT

Sarah Bernhardt chama-se, do seu verdadeiro nome, Rosina, como a pupilla de D. Bartholo; nasceu em Paris em 1844, o que lhe dá já hoje a bonita conta de 38 annos, conta que foge espavorida da luz da ribalta.

Filha de uma judia hollandeza e de um paé catholico, Rosina ou Sarah, foi por este mettida no gremio do christianismo, fazendo-a baptisar, o que não valeu lá muito a pena, porque o baptismo da Arte inutilisou completamente o outro, e ninguém — a não ser quem tem obrigação d'isso, como nós por exemplo, — sabe que Sarah e Rosina.

Mostrando grande vocação para o theatro, organização nervosa essencialmente artistica, Sarah Bernhardt teve por mestres no conservatorio de Paris Samson e Pruvost.

Fez uma bella carreira de estudante, ganhou dois premios, e em 1862 fez as suas provas publicas na Comedie Francaise, na *Iphigenie* de Racine.

Passou sem despertar grandes enthusiasmos; e teve logo escriptura no Gymnasio, na Porte de Saint Martin, no Odeon, por onde andou, até criar n'este theatro, a rainha do *Ruy Blas*.

Essa creação de *Maria do Neubourg* foi o primeiro grande passo de Sarah Bernhardt para a gloria.

Victor Hugo viu, e no fim da peça foi ao camarim beijal-a.

Estava consagrada a grande actriz. O theatro Francez abriu-lhe logo as suas portas. Ali Sarah Bernhardt n'um crescendo continuo de ovações e de successos fez com tão notavel talento e primorosa arte o repertorio classico, a *Phedra*, *Andromaca Zaira*, como todo o repertorio moderno, a *Esphyng* de Feullet e a *Estrangeira* de Dumas, a *Fille de Roland*, e a *Kome Vaincue*, mas o seu maior successo n'este theatro teve-o ainda no repertorio de *Hugo*, fazendo da Dona Sol, do *Hernani*, uma creação extraordinaria, que fez empallidecer todas as recordações da celebre mademoiselle Mars.

Por um capricho, um dia a grande actriz, que era uma verdadeira rainha na comedia Francaise, deixou a casa de Molière, deixou Paris, e fez-se uma artista nomade.

Chefe de tribu Sarah Bernhardt tem feito uma viagem triumphal atravez do mundo, com a sua troupe; recebendo por toda a parte ovações enormes, avalanches de flores, saccos de dinheiro e algumas pedradas — isto, felizmente só em Odessa.

Ha dias, Sarah Bernhardt fez do galan da sua troupe seu marido. Os jornaes francezes fallaram muito no caso.

Não ha hoje no mundo celebridade mais espectacular e quasi que se pôde dizer mais deslumbrante do que a de Sarah Bernhardt, uma celebridade feita dos mais estranhos caprichos, do mais bello talento, das mais desvairadas phantasias, do mais radiante genio.

Em todo o mundo se sabe a sua historia por miudos, os passos que dá, os vestidos que veste, as viagens que faz, os ditos que inspira a sua magreza excepcional: em Lisboa a vida de Sarah Bernhardt, as suas excentricidades, as suas glorias, os seus caprichos extravagantes que fazem em torno d'ella uma atmosphera de lenda, anda em todas as boccas.

Foi por se saber tanto quem ella é, que apenas um jornal disse que ella vinha para o Gymnasio, a folha da assignatura se encheu em dois livros, e que a curiosidade publica se tem desfeito em libras para ver finalmente essa creatura legendaria, que nunca imaginou ver em Lisboa, e que se chama Sarah Bernhardt.

E depois de a ver, Lisboa achou extraordinario que se tenha dito tão pouco de Sarah Bernhardt, e agora, que já a viu, se se abrisse nova assignatura para novas recitas e que seria negocio para os contratadores — se da primeira vez deram o tripulo do preço agora davam dez vezes o tripulo...

FREDERICO GUIMARÃES
E A SUA OPERA «BEATRIZ»

Não abundam tanto em Portugal os maestros e as operas, que seja permitido fazer menos caso, deixar passar despercebida uma opera como a *Beatriz*, apesar de todos os seus defeitos, e um maestro como o sr. Guimarães, apesar das faltas sensíveis que lhe tem notado a critica.

Nós, em Lisboa, não estamos costumados a ouvir operas más, não somos como a Italia, por exemplo, que todos os annos assiste ao desabrochar de trinta operas mediocres, que nunca mais de lá saem, e que por uma opera soffivel que atrai para o resto da Europa, tem lá umas vinte detestaveis, que ficam para todo o sempre sepultadas no seu seio.

Em Portugal não acontece nada d'isto: as operas que nós ouvimos são escolhidas d'entre as melhores, são as joiradas pelo *successo* e pela nomeada, e por isso, quando ouvimos uma opera como a *Beatriz*, naturalmente uma opera mediocre, porque os Meyerbeers não pallulam ali por todos os cantos, e porque as obras primas não se fazem todos os dias, não costumam mesmo ser o alvorecer dos grandes maestros, estranhámos, ficamos de mau humor, e ninguem nos pôde aturar.

A opera, *Beatriz* applaudida com um enthusiasmo exagerado no theatro de S. Carlos, e atacada com uma violencia extrema, por dois ou tres criticos, não é, com certeza, uma obra prima, falta-lhe, sobre tudo, a manifestação d'uma individualidade artistica, mas, procurando bem nas bagagens dos grandes maestros laureados, talvez se ache em alguns, em Auber, por exemplo, estreias muito mais desgraçadas.

Parece-nos altamente injusto querer que, um rapaz de trinta annos, tendo por unica educação artistica a que se encontra no nosso Con-

servatorio, creado n'este nosso exiguo e asphixiante meio artistico, possa logo competir, na sua primeira opera, com as melhores dos maestros de talento excepcional, e que, ainda assim, a par d'essas melhores, tem muitas mediocres, e queficarão sempre no esquecimento.

A symphonia teve um successo e foi isso que

servatorio, creado n'este nosso exiguo e asphixiante meio artistico, possa logo competir, na sua primeira opera, com as melhores dos maestros de talento excepcional, e que, ainda assim, a par d'essas melhores, tem muitas mediocres, e queficarão sempre no esquecimento.

Na opera do sr. Guimarães ha ja um bom prenuncio, é a differença enorme, para melhor, que se nota na symphonia.

A opera é muito anterior a essa symphonia, o que denota no sr. Guimarães já visíveis progressos.

Alem d'isso o sr. Guimarães tem apenas 33 annos, isto é, tem ainda uma larga vida deante de si, o que nos dá direito a esperar novos trabalhos mais correctos, mais pensados, sem que o estontem de vaidade, os applausos exaggerados do publico, ou o desanime completamente a vehemencia exagerada da critica.



SARAH BERNHARDT (Segundo uma photographia)

O sr. Frederico Guimarães é algarvio. Nasceu em Lagos no annos de 1849.

Revelando desde pequeno a sua vocação musical, entrou aos 11 annos no Conservatorio de Lisboa, onde se tornou rapidamente distincto, sobretudo nas aulas de rebecca e de contra ponto.

Foi ao sahir d'esta aula que começou a fazer a sua opera, sem pensar que um dia qualquer seria representada.

Quando em junho de 1880 se festejou o centenário de Camões, Guimarães que já tinha a sua opera prompta ha que tempos, escreveu-lhe á pressa a symphonia, para ser executada no concerto dado no Colyseu, em 9 de junho d'esse anno, pela Associação 24 de Junho.



POVOA DE VARZIM—A PRAIA DE BANHOS (Segundo uma photographia da casa Frits)

lhe faz nascer o desejo de pôr a opera em scena, desejo de tal ordem instante que o levou a sollicitar em prejuizo d'elle e do publico, d'elle porque se apresentou n'umas circumstancias deploraveis, do publico, porque ouviu a *Beatriz* em vez d'ouvir o *Lohengrin* ou o *Gioconda*, que a opera fosse dada este anno como opera d'obliquo.

Alem da *Beatriz* o sr. Guimarães tem uma missa que foi cantada nas Chagas ha 9 annos, e uma *romanza* para quarteto de corda, etc.

Desde 22 de julho de 1870 que é musico da real camara.

A opera foi posta em scena nas peiores condições e no fim da epocha, dando apenas duas representações.

O desempenho foi regular por parte da sr.^a Cepeda; os srs. Kascheman, Bulterini e a sr.^a Gini, estavam doentes nas duas unicas noites em que se cantou a *Beatriz*, doença que fez com que a opera fosse muito mutilada.

O scenario da *Beatriz* pintado pelo sr. Manini era magnifico. Damos em gravura uma d'essas melhores scenas; a do segundo acto, que representa o pateo interior d'um castello tendo á esquerda a estatua de Facino Cane. Primorosamente desenhada, com um grande vigor de traço uma grande verdade, essa scena bastaria para dar nome ao sr. Manini, se os seus trabalhos anteriores não tivessem já feito d'elle um dos nomes mais festejados na scenographia contemporanea.



O MAESTRO FREDERICO GUIMARÃES AUCTOR DA OPERA «BEATRIZ»
(Segundo uma photographia de Sollas)

POVOA DE VARZIM

A Praia de Banhos

Em o numero antecedente fallamos da Povoia de Varzim dando noticia da sua importante industria da pesca, consuante á gravura que então publicamos da praia do pescado; hoje publicamos da praia do pescado; hoje publicamos da gravura da praia de banhos, daremos a palavra ao sr. Ramalho Ortigão, que no seu esplendido livro *As Praias de Portugal*, nos descreve com o brilhantismo do seu estylo esta afamada praia onde annualmente se banham mais de 30:000 banhistas que de toda a parte ali affluem.

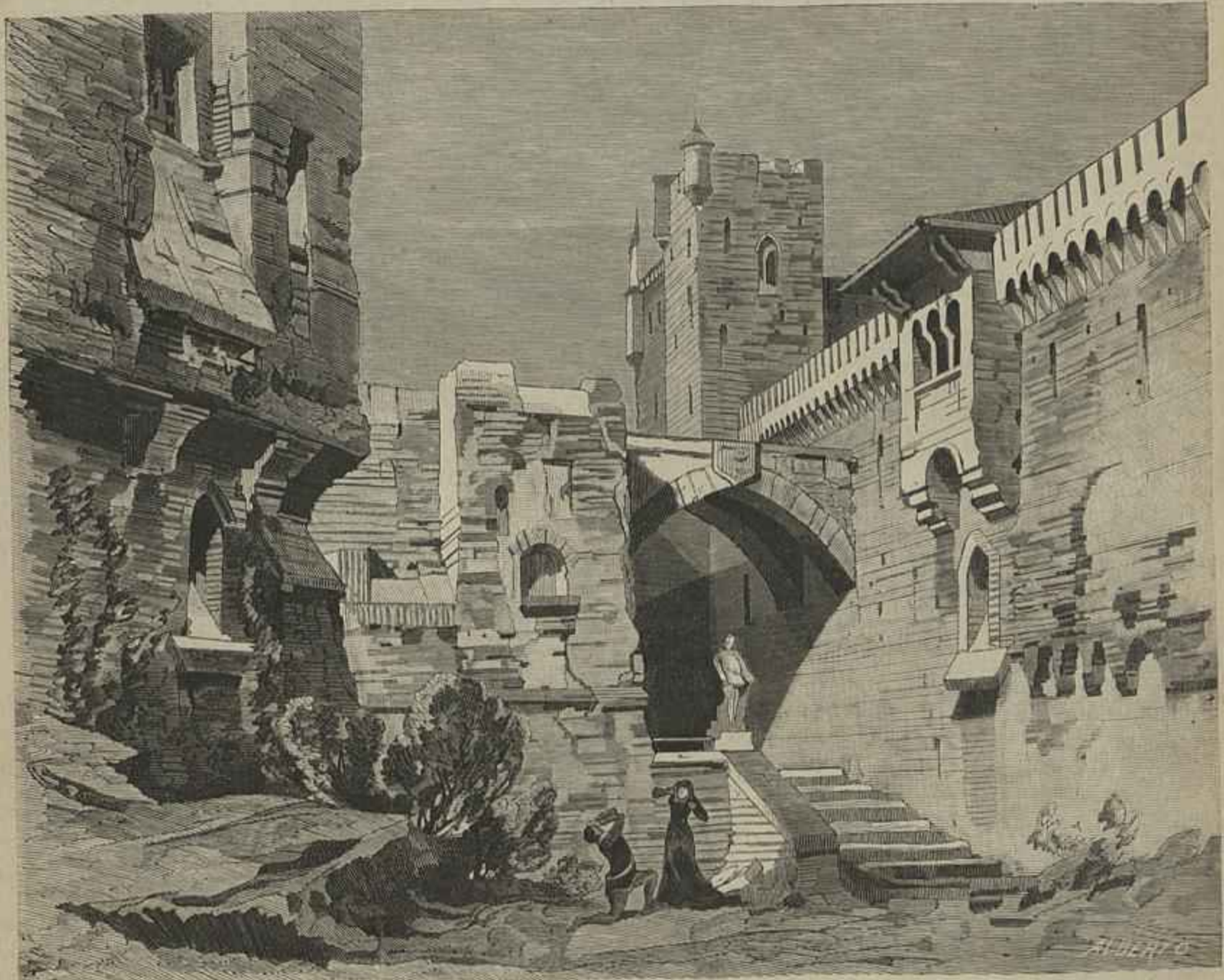
A rua da Junqueira com a sua gente e as suas moscas apresenta o aspecto de um arruamento de feira.

Em todas as casas ao rez da rua se organisam estabelecimentos de commercio, uns fixos, outros fluctuantes.

As lojas de barbeiro, sempre em exercicio, no meio das quaes um homem envolto n'uma toalha, dorme n'uma cadeira de braços ou considera as moscas que coalham o tecto, em quanto o Figaro de mangas arregaçadas, lhe segura delicadamente a ponta do nariz e lhe raspa a face envolta n'um flocos de espuma.

Os ourives postados por traz das suas vitrines mostrando ás mulheres do campo os grandes corações de filigrana de ouro, os relicarios, as grossas arrecadas.

Os camiseiros com a sua exposição de camisas de côr, de gravatas de todas as gradações do iris, de bengalas, de chapéus de chuva, de joias



REAL THEATRO DE S. CARLOS. — SCENA SEGUNDA DO SEGUNDO ACTO DA OPERA «BEATRIZ», PINTADA POR LUIGI MANINI (Desenho do mesmo auctor)

de cobre dourado, de collarinhos posticos, de luvas, de aguas de cheiro e de unguentos aromaticos, — todos os artigos de luxo barato.

Os espectaculos das grandes guerras e dos longinquos paizes, das mulheres gordas e das mulheres gigantes, tendo á porta o seu reposteiro de chita encarnada ao lado do respectivo cartaz e dentro o realejo festival moendo um trecho da *Favorita*.

Os hotequins, os estancos, as tabernas com o seu grande ramo de loureiro á porta.

Os mercadores ambulantes, vendendo ás esquinas os pequenos espelhos, as estampas, as lithographias das testas coroadas e os reportorios montados n'um barbante. Os que trazem suspenso do pescoço por uma correia o taboleiro com os canivetes, os garfos, as colheres, os pentes, as caixas dos pões de dentes e os sabonetes Windsor. Os que tiram as nodas e vendem as pastilhas maravilhosas que comem a gordura da gola das jalecas. Os que exhibem encostada ao muro a collecção de varapaus argolados, de despenhados marmeleiros, de cannas da India com os seus ferrões polidos embrulhados em papel.

N'esta multidão espessa e ruidosa sobresaem de espaço a espaço as pesadas diligencias, os *chars-a-bancs* de cortinas de riscado ou de couro, cobertos de poeira, puxados por tres cavalos escancellados, com o tejadilho acuculado de malas, de saccoes de chita, de alforjes, de bahus, de caixas de lata, carreando os passageiros de Barcellos, de Fão, de Celorico e do Pico.

A porta das estalagens homens com as suas bagagens sobraçadas descendem gymnasticamente da imperial, enquanto mulheres gordas e pesadas, amparadas com as duas mãos aos batentes da portinhola, adeantam para o estribo um pé arrastado, descobrindo o grosso artelho entorpecido pela sciatica.

Dois grandes e bellos cafés, com optimos bilhares, grandes espelhos, muita luz, abrem as suas portas sobre a rua da Junqueira.

A noite esses cafés enchem-se inteiramente. Homens, senhoras, banhistas de todas as classes, viajantes de todas as procedencias, occupam todos os bancos, agglomeram-se em volta de todas as mezas. No meio os jogadores de bilhar procuram com difficuldade um pequeno espaço para poderem recuar os tacos. Os creados circulam difficilmente com as bandejas. Harpas e rebecas organisam um concerto. Uma mulher hespanhola ou italiana, com um prato de estanho, sollicita com um sorriso os donativos da assembléa. Um baritono de longos cabelos, penteados para traz das orelhas, infatigavel berrador, com a mão na abertura do collete, a fronte alta, o olhar intrepido, entoa uma romansa. Uma espessa atmosphera de fumo dos charutos, empregnada dos vapores do alcool, da cerveja e do café, envolve aquelle grande ruido. As portas mulheres do povo,

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 119)

Quando desceram á cova, o caixão que encerrava os restos mortaes de D. Monica, elle enfiou o seu braço no do merceiro e disse-lhe:

— Deixe lá fallar o biltre do conego, porque o senhor portou-se como homem, portou-se como um cavalheiro. Olhe que lh'o digo eu, e creia que sou devéras seu amigo, e que ainda lh'o heide provar um dia, um dia bem cedo . . .

— Obrigado, obrigado, respondeu Antonio Dourado vaidosamente enternecido.

— Não tem de que, não tem de que, voltou-lhe o regedor, affastando-se com a sua casaca a bater-lhe no fundo das costas.

Já a levava flegada o demonio do homem! Enfim, Antonio Dourado podia pôr a mão na consciencia e dizer:

— Nada devo já á tua memoria, descança em paz, e deixa-te lá estar muito annos sem mim.

De facto elle pagara publica, ruidosa e espaventosamente, quanto a sua gratidão de merceiro bizarro devia á memoria de D. Monica.

Feito isto, restava-lhe porém, alguma coisa mais.

So a sua piedade com os mortos, a tal ponto se manifestava per todos os meios da publicidade e com todas as condições de um apparato excepcional; a sua estima pelos vivos, pelos seus concidadãos, correligionarios da politica em que militava, pelos seus patricios, amigos de todas as classes, gerarchias e condições, que todos correram presurosos a dar-

homens de cajados e jalecas ao hombro, olham apinhados e em bicos de pés.

Por cima de um d'estes cafés é a casa de jantar do hotel Luso-Brasileiro, um vasto salão que em algumas noites se converte em sala de baile. Não ha club. Os bailes organisam-se por subscrição entre os banhistas e a casa é alugada para esse fim aos proprietarios do hotel.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XX

CALIX DO BISPO DE COIMBRA

D. JORGE D'ALMEIDA

Nos ultimos annos do seculo xv e em quasi metade do seculo xvi regeu a diocese conimbricense um prelado illustre, que se tornou bem assignalado pela diuturnidade do seu governo e pelas esplendidas obras de arte com que enriqueceu a sua cathedral.

Referimo-nos ao bispo conde D. Jorge d'Almeida, filho do primeiro conde de Abrantes D. Lopo d'Almeida e irmão do grande vice-rei da India D. Francisco d'Almeida.

O seu governo foi de 60 annos, desde 1483 a 1543, como querem uns; ou, segundo outros, de 62, começando em 1481.

Vivendo n'uma epoca em que as bellas artes chegaram a notavel florescencia e esplendor, dispondo de grandes riquezas, e dotado de animo generoso e munificente, o bispo D. Jorge pode ennobrecer e opulentar a sua cathedral com obras e alfaias verdadeiramente primorosas quer de escultura em pedra e madeira, quer de trabalho de ourivesaria, ou finalmente de tapessarias e tecidos.

Os trabalhos esculpturaes em pedra e madeira, ainda hoje se conservam na Sé Velha de Coimbra: — os dois porticos lateraes, do estylo do renascimento; o retabolo da capella de S. Pedro, do mesmo estylo, e o retabolo de talha da capella mór, do estylo gothico. Uma pia baptismal, estylo gothico florido, que está hoje em a nova cathedral, é devida tambem ao bispo D. Jorge d'Almeida.

Tecidos e tapessarias cremos não existirem já hoje nenhuns apesar de ser grandissima a quantidade d'estes objectos dados pelo bispo D. Jorge á sua sé, como consta de uma longa e curiosa relação, que se guarda no cartorio do cabido de

lhe testemunho solemne da estima e do apreço em que o tinham, do que elle muito se gabava, lambendo os belços e assooprando as boxexas — a sua estima, repetimos, por esses, não podia deixar de manifestar-se tambem, de um modo menos franco e menos fallado.

Posto isso, apenas acabou de pagar a fabulosa conta do cangalheiro a quem deu gratificação choruda, metten-se no trem e foi logo d'ali ás redacções dos jornaes, a fim de que inserissem em toda a largura de suas paginas, um extenso agradecimento que lhe fôra redigido *à priori*, pelo escripto do regedor, o qual agradecimento exigiu peremptoriamente que saísse ornado de vinhetas de phantasia, tendo ao alto da pagina a maior cruz que houvesse na imprensa, e em baixo as alminhas do purgatorio, penando entre chammas, á imitação da phenix que trazem as tampas das caixas de phosphoros do José Osti.

A [proposito de phenix, teve mais ainda a espantosa lembrança de perguntar se na typographia existiam emblemas maçonicos.

Responderam-lhe os do escriptorio, que tinham apenas um compasso, mas d'esse não podiam dispor, pois que era preciso para o serviço do expediente.

— Ponham-m'o tambem no agradecimento!

Para de certo modo justificar a estranha exigencia, declarou que no prestito se encorporára uma commissão da sua loja Providencia, e que portanto se ao compasso pudessem juntar igualmente qualquer olho, um olho qualquer, seria ouro sobre azul.

Coimbra e que pode ver-se impressa em o n.º 8 do nosso *Portugal Pittoresco*.

Dos objectos de ourivesaria enumerados na mesma relação restam felizmente alguns, bem como outros doados pelo mesmo bispo e não mencionados n'ella.

Na exposição de arte ornamental encontram-se os seguintes, provenientes do bispo D. Jorge, todos na sala M:

- Calix de prata dourada (n.º 79);
- Custodia de prata dourada (n.º 81);
- Caldeirinha de prata (n.º 84);
- Calix de prata dourada (n.º 100);
- Calix de prata dourada (n.º 213);
- Caixa de hostias de prata dourada (n.º 225).

E isto uma pequena amostra dos valiosissimos donativos feitos pelo illustre prelado á sua cathedral.

No OCCIDENTE damos hoje a estampa do calix n.º 100, trabalho muito apurado e de notavel merito artistico, não obstante os seus labores não conservarem uniformidade completa de estylo, pois que, predominando n'elle os de estylo gothico, se acham de mistura outros do renascimento, como são as pilastras da base, e os ornatos da copa. Apesar d'este *senão*, o calix representado na gravura juncta é um trabalho muito apreciavel.

A. M. Simões de Castro.

APONTAMENTOS PARA A VIDA DO DIABO

V

La-me escapando! Por um tudo nada que a digressão a que me deixei arrastar pelo padre Vieira, me fazia perder o assumpto: felizmente, que ainda lancei a tempo mão a uma orelha de *Echeíta*. Não sabem quem é? Pois não se lembram do demonio moiro, que tem um primo christão, chamado Satanaz? Ah! Parece-lhes talvez asneira, uma heresia medonha, dar a Satanaz o titulo de christão? Aposto! Ora lembrem-se bem, escabichem na memoria tudo o que fica dito a respeito do noso heroe, e depois me dirão se foi asneira . . . Pois não se recordam, que a igreja creando expressamente para elle uma ordem sacerdotal, admittiu-o no corpo das suas creanças, deu-lhe uma especie de baptismo negativo? E não foi só o catholicismo que o adoptou por seu; tambem o protestantismo orthodoxo, o puro, ainda o conserva muito bem conservado; o revolucionario Luther . . . máo, lá ia eu escorregando para outra digressão. Voltemos a traz.

Trata-se, parece-me, do intimo parentesco entre o diabo da christandade e o da moirisma. Não de lembrar-se que *Echeíta*, o arabigo, era antes da sua desobediencia o anjo *Eblis*:

E querendo auxiliar a reminiscencia dos empregados, lembrou que o Mascaró estava sempre a pôr annuncios da sua especialidade.

Elle recordava-se de ter visto um d'esses annuncios com olho, e dado o caso, parecia resolvido tudo.

Era engano.

Antonio Dourado, sem o suspeitar, estava dando o prazer de um chá deliciosissimo no escriptorio do jornal, de casaca, todo enlulado, e respirando felicidade por todos os póros, de uma honhomia incomparavel.

Lembraram-lhe que podia aproveitar a vinheta do signo de fevereiro, e em vez de um olho teria dois a escolher.

— Vamos a isso, vamos, respondeu, não percebendo bem.

Mas ao mostrarem-lhe a vinheta que representava dois peixes, pô-a de parte, e exclamou com emphase de quem faz espirito:

— Eu não quero a Providencia com olhos de goraz, deixe ir o compasso e faça contas.

A porta da Minerva da rua do Ouro, tambem fez parar a carroagem.

Ahí encomendou dois milheiros de bilhetes. Fez sensação.

Quando saiu, notou desvariado, com certa vaidade feminina, a qual lhe estava adolando o amor proprio, que os caixeiros, tomados de espanto, perguntavam uns aos outros:

— Quem é este homem? Será doido?

Esteve ainda para voltar atraz e pedir mil bilhetes mais.

Elle sentia em si a febre da celebridade,

exactamente como o seu primo Satanaz, que também antes de ser expulso do céu era um dos anjos mais brilhantes, e assim o denota o seu nome de *Lucifer*.

A *Bíblia*, que narra a queda do primeiro homem, guarda silencio pelo que respecta á do anjo rebelde; a memoria d'esta, porem, existe, desde tempos immemoriaes na tradição oral, e não faltam allusões a ella nos livros do Velho Testamento. Eis aqui uma bem manifesta, extrahida do cap. xiv de *Esaias*, como escreve o padre da igreja evangelica, João Ferreira d'Almeida, de cuja versão me aproveitei:

« 11 Já foi derribada no céu tua soberba com o som de teus alaúdes; e os bichinhos debaixo de ti se expurgirão, e os bichos te cubrirão.

« 12 Como cahiste desde o céu, ó estrella da manhã (*Lucifer*), filha da alva do dia? Como cortada foste por terra tu que debilitavas as gentes.

« 13 E tu dizias em teu coração: eu subirei ao céu, por cima das estrellas de Deus exaltarei o meu throno; e no monte da congregação me assentarei da banda dos lados do Norte.

« Subirei sobre as alturas das nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.

« E contudo derrubado serás no inferno, aos lados da cova.»

Ignoro o texto de que se serviu Ferreira d'Almeida para a sua traducção, porque elle não o declara; comparada, porem, com a *Vulgata*, vê-se que se afastou bastante d'ella. Não sei qual das duas guardará fidelidade ao original; uma com certeza lhe é traidora, mas qual? Sei lá! O que apenas posso dizer é que acho a latina mais comprehensiva¹, e a portugueza um tanto ou quanto extravagante: não quero dizer com isto que seja aquella a mais fiel: limito-me a notar que mesmo a outra, a do padre, exquisita como é, deixa perceber que a lenda narrada no *Koran* existia já nas tradições populares de Israel.

Quando em outro lugar me occupi de apreciar as provas do parentesco entre a religião de Mahomed e a de Christo, alludi ao importante papel desempenhado por Satanaz na historia religiosa dos israelitas; poderia citar, em abono da minha affirmativa, boa dóze de textos²; considerando, porém, que desde muito se acham prohibidas as massadas, volto folha, e passo ao capitulo seguinte, o qual vem a ser—De como na

religião dos judeus, além do singular *diabo*, havia também o plural *diabos*.

Talvez que o leitor sorria da proposição, tendo de si para si como certíssimo, que a tal canzoada invadiu todas as religiões, e que nenhuma ha que não mantenha com as suas crenças semelhantes marotos. Sim senhor, também eu sou d'essa opinião; mas ha quem sustente o contrario, e olhe que é gente de se lhe tirar o chapéo; professores notaveis, escriptores muito auctorizados. De um d'elles me estou agora lembrando, mr. Havé, que nas suas *Origens do christianismo*, obra muito conhecida, nega claramente, redondamente, que a tal canalha existisse na religião dos israelitas,³ e teima, e embirra que o christianismo foi buscar as taes prendas aos pagãos.⁴ E então que lhes parece? será assim? Não sabem? Nem eu. Mas com mil diabos, vamos a discorrer; para que demonio quer a gente a cabeça? Se um homem vae a acreditar tudo quanto lhe dizem sem procurar, pelos meios ao seu alcance, averiguar a verdade; se aceita de emprestimo as opiniões dos outros, se não trata, pelo trabalho do estudo e pelo esforço da intelligencia fazer uma convicção sua, está bem aviado. Eu bem sei que ha muita gente que não faz senão papaguear o que leu em certo livro; e d'ahi? Esses taes, mettidos em qualquer questão, se os apertam um pouquinho, engasgam-se, embrulham-se, estendem-se, que é mesmo uma vergonha. Ávante, toca a parafusar no caso, que ter uma opinião emprestada é o mesmo que não ter nenhuma.

Mas, verdade, verdade: a coisa não é tão facil como parece, porque para tirar este negocio bem a limpo, de modo a ficar a consciencia em santa quietação, era necessario em primeiro logar saber ler, e depois entender. Saber ler o hebraico, e entendê-lo bem, para se poder apreciar qualquer traficancia dos traductores, que nos quizessem impingir gato por lebre: mas ah!... ah! sim, é como quem diz que... No entanto... p'ra frente: *tout chemin mène à Rome*.

A bíblia não falla na creação dos demonios, é exacto; mas também não falla na dos anjos, e todavia refere-se muitas vezes a elles, como cercando o throno de Jehovah, ao qual obedecem, e sob cujas ordens interveem nos successos da terra, principalmente em defeza e protecção dos bons. Será temeridade concluir da existencia dos espiritos benéficos para a dos malfazejos? Não será mesmo incoherencia admitir uns, e repellir outros, quando todos procedem da mesma origem, isto é, da incapacidade de comprehender plenamente a unidade da causa, na variedade dos phenomenos, e portanto a necessidade de attribuir os de uma ordem a certas influencias, distinctas das que produzem os de ordem diferente?

¹ O *christianismo e suas origens*, Paris 1871, vol. 1.º pag. 218, vol. 2.º pag. 503.

² *Ibid.*, 2.º vol. *passim*.

¹ Éis uma traducção literal da *vulgata*:

« Abetida fui nos ludrios á tua soberba; o teu cadaver cairá debaixo de ti se espallará a traça e a tua cobertura será vermes.

12 Como cahiste do céu *Lucifer*, que surgias na madrugada? como se des-embus-te na terra, tu, que fortas os povos?

13 Tu que dizias no teu coração: subirei ao céu e exaltarei o meu throno sobre as estrellas de Deus; assentarei-me-hel no monte do Testamento, do lado do Norte.

14 Subirei á altura das nuvens, serei igual ao Altíssimo.

15 Na verdade serás arrastado ao inferno, ao profundo do lago.

² *Reis*—lv. 2.º e. 14 v. 22, lv. 3.º e. 5, v. 4 Par. lv. 1. e. 21 v. 1 Job. ii. 1 v. 8, 9 e 12 *Zach.* e. 3, v. 1 etc.

e saboreava, com verdadeiro delirio, essas doces sensações com que ella o captivava.

D'ali dirigiu-se á papelaria do Machado, á rua da Prata.

Comprou, a prompto pagamento, todo o papel torçado, muitas resmas, e ainda maior numero de massos de sobrescritos de todos os tamanhos, segundo a graduação das pessoas a quem deviam ser dirigidos.

Para o secretario d'estado, conselheiros, deputados e pares do reino, mandou tarjar por não haver d'esse modo á venda, grandes envelopes em forma de officio.

Um d'esses devia de ser para o ministro, e deliberando isto mentalmente, Antonio Dourado perguntava a si mesmo, se também seria proprio agradecer ao correio que trotava ao lado da carruagem de s. ex.º

E resolveu que sim, concordando em boa rasão, que o correio era gente, e como tal houvera tomado parte no grande presépio, contribuindo para o luzimento d'elle com a sua pessoa e com o seu cavallo.

Antonio Dourado sentia-se conscientemente no melhor dos mundos possíveis.

Toda a gente se ria para elle, á boa parte está entendido, e elle ria-se para toda a gente, nas melhores intenções. Já se vê.

Eram tudo pessoas de bem, pessoas de estimação, que deviam conhecê-lo, porquanto respondiam com reparo aos cumprimentos que elle do fundo da sua carruagem dirigia para a direita e para a esquerda, com o proposito de quem não quer passar por discordez, nem

mesmo com os desconhecidos e os mal educados.

Quando chegou a casa, não lhe passou também despercebida a circumstancia agradável de algumas senhoras da vizinhança chegarem á janella para o verem apear á porta da esca.

Comprimentou-as a todas igualmente. Do alto do patim esperava-o a mulher, á cancella que estava de par em par.

— Tenho a cabeça doída, lhe disse ella, só de ouvir o hater da campainha. Nem a criada pôde, se isto continua assim.

— E' para que vejas, respondeu elle lisongeadissimo, é para que vejas.

— De bilhetes então é um chuveiro. Elles lá estão na mesinha da sala.

— Que se não perca nenhum!

E foi entrando seguido da mulher.

Dirigiu-se ao quarto, poz-se á vontade e enquanto descalçava as botas, que lhe estavam apertadas e magoavam os callos do pé, afeito ao largo tamaneo do uso habitual, exclamava:

— Agora vamos a ver quem brinca. Do conego já eu me livrei: só falta a lambisgoia da creada.

— Toma cuidado, recommendava a mulher.

— Não me dorme esta noite em casa não, repetia elle.

— As coisas levam-se com prudencia e paciencia.

— Mas a prudencia falta ás vezes, e a paciencia também se gasta.

Esta demonstração de simples raciocinio, que se não basea em nenhum texto, não passa de uma mera supposição; contudo cumpre não perder de vista, que a opinião contraria é também uma mera hypothese, fundada na ausencia de provas que testemunhem a existencia do facto. Ora, um testemunho formal, positivo, é que não ha nem a favor nem contra qualquer das opiniões. A questão está em saber qual das duas hypotheses se conformará melhor com o conjunto dos factos sabidos e incontestaveis. Um d'esses, e que nos parece decisivo, é a crença no espirito do mal, tão claramente expressa em diferentes livros do Velho Testamento. Outro facto ainda, é a grande multidão dos espiritos angelicos, divididos em jerarchias, e a tradição de que o espirito do mal fóra principalmente um anjo, expulso do céu, por um acto de soberba. Mas a tradição completa, que ainda hoje existe no christianismo popular, e que foi também recolhida no livro sagrado dos adoradores de Allah, os quaes decerto a não foram buscar ás legendas gregas, nem á philosophia academica, mas sim ás origens semiticas, a tradição completa, digo, é que o anjo soberbo foi expulso «com todos os seus», isto é, com todos os que pertenciam á mesma jerarchia. É evidente, pois, que não só um, mas todos, se transformaram de espiritos bons em genios do mal.

Allega-se em contestação a estas rasões, que a crença no inimigo da especie humana, não é nativa da religião mosaica, mas fóra introduzida n'ella, já tarde, pelo contacto com a religião de Zoroastro. Adduz-se, como prova, o largo silencio que guardam a tal respeito os primeiros livros da Bíblia, começando sómente a fallar-se de Satanaz nos de composição menos antiga.

Pois seja; não discutamos o facto que não é incontrovertido, mas que, apesar d'isso, admittimos de boamente, porque em nada prejudica as nossas opiniões: confirma-as. Pois não tinha a religião dos persas a crença não só de um inimigo dos homens, mas também a de innumerables genios mal fazejos? Como foi então, que se operou a retalho, aos farrapos, essa invasão de crenças indissolavelmente ligadas?

Se a traducção *vulgata* da Bíblia, adoptada pela igreja catholica, fosse rigorosamente fiel, o que só poderá decidir quem tenha perfeito conhecimento da lingua hebraica, se ella fosse fiel, a sua lição bastaria para terminar a contenda. Com effeito, no v. 5 do *Psalmo* 95, lê-se: «Porque todos os deuses dos gentios são demonios: o Senhor, porem, fez os céos.» *Quoniam omnes dii Gentium demonia: Dominus autem celos fecit.*

O padre João Ferreira, traduz: «Porque todos os demonios dos povos são Idolos: porem Jehovah fez os céos.»

Como se vê, o sentido de uma versão não é o mesmo da outra. Admittida a primeira como exacta, cessariam as duvidas, pois que a circum-

— Pois á ponta da espada também nada se faz.

— Não tenhas medo, que a mim ainda me não chegou esse mal.

E já á fresca, do bonet e as mãos nas algibeiras, saíu dizendo:

— Vaes ver, vaes ver.

— Aonde vaes tu, Antonio?

— Vou lá acima.

E auctoritariamente e com grande prosapia, jurou que a lambisgoia da Joanna não lhe havia de dormir aquella noite em casa.

N'um pulo galgou o lance que ia do primeiro para o segundo andar.

Em seguida bateu á porta, dizendo com voz de commando geral.

— Abra lá ó Joanna, abra!

Não se fez esperar. De dentro abriram a porta interior, e Antonio Dourado na mesma occasião em que se affastava para que lhe não batessem com a cancella no nariz, experimentou o effeito de um calafrio dorsal, com o se lhe houvessem deitado sobre a cabeça dois ou tres baldes d'agua.

E' que atravez das grades da cancella, em vez da cara esgrouviada da lambisgoia da creada, acabava de ver, nitida e claramente em toda a sua expressão estupenda e agreste, a cara marcial, tostada e cabelluda de um formidavel porta-machado da guarda municipal.

Oh! diabo, por esta é que elle não esperava.

(Continúa)

LEITE BASTOS.

stancia de se assimilarem as falsas devindades aos genios do mal, era prova sufficiente de ser admittida a creença n'estes. Mas a traducção portugueza assemelha simplesmente os deuses gentilicos a idolos, a simulacros. Muda completamente a face da questão, a qual, collocada n'este terreno, só poderá ser tratada por quem esteja em boas relações d'amizade com o original. Eu nunca o vi, nem que o visse fazia caso d'elle. Se o não conheço!

Delphim d'Almeida.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

REVISTA SCIENTIFICA, 1.º anno, n.º 4, abril — 1882. Porto — Livraria Universal de Magalhães Moniz, editores, 12 Largo dos Loyos. — Este fasciculo contem os seguintes artigos *Nervos vaso-dilatadores* do sr. Miguel Arthur; a *Experimentação em physiologia* do sr. Magalhães e Lemos; *As representações de motricidade no processo e mental* do sr. C. de Pinho; *Os celtas na Lusitania* do sr. F. Martins Sarmento; *O Jornalismo medico em Portugal* do sr. Maximiano Lemos Junior; *Ensaio glottologicos* do sr. J. Leite de Vasconcellos, e ainda dois artigos de critica *Portugal e as sciencias no estrangeiro*: 1.º *O keratoscopio* de A. Placido; II a theoria de Agostinho de Sousa sobre o rythmo cardiaco, do sr. Ricardo Jorge, e *Revista dos Jornaes* do sr. J. Leite de Vasconcellos. Todos estes artigos, alguns dos quaes não temos competencia para avaliar, são de bastante importancia scientifica. Folgamos de saber pelos ultimos artigos como no estrangeiro, mais do que no paiz tem sido avaliados os trabalhos dos nossos compatriotas os sr. A. Placido e Agostinho de Sousa, o que é muito importante para se ver que em Portugal ha quem estude e trabalhe, e venha a consagração estranha supprir a indifferencia e desconfiança nacional. Tanto no artigo *Jornalismo medico*, como no outro *Revista dos jornaes*, temos só a notar salvo o respeito a seus auctores, e pelo interesse que nos merece tão distincto periodico, a incorrecção do titulo; *jornalismo* é a imprensa diaria, *jornal*, é o periodico publicado diariamente. Esse galicismo, que podia ser aceitavel, se não fosse incorrecto, ainda ha quarenta annos e menos se não usava em Portugal, nem se usa na vizinha Hespanha; foi introduzido pela inconsciencia de muitos ignorantes que assaltaram a imprensa, mas não deve ser aceite nem usado por homens de sciencia. Digamos pois *periodicos* e *periodistas*, termos que abrangem toda a especie de publicações periodicas e os seus collaboradores.

ADDITIONAMENTO A BIBLIOGRAPHIA CAMONEANA DOS AÇORES, por occasião e posterior ao centenario; *Especies omittidas*; — 4.º de 18 pag. seguindo a numeração da *Bibliographia camoneana nos Açores*, de que demos conta no nosso n.º 110 do presente volume, e que não pôde deixar de formar parte de todas as camoneanas; vendo nós porém que o seu benemerito auctor na sua distribuição olvidou o sr. José Felix Alves de Minhaya, o respeitavel ancião, possuidor de uma das mais ricas, — se não da mais rica, — camoneanas que existem no paiz.

A VOLTA DO MUNDO, *Jornal de Viagens e de assumptos geographicos*. Directores litterarios, dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empreza Litteraria Luso Brasileira, editora, n.º 6, de 15 de março, com magnificas gravuras e litteratura.

ALBUM DAS GLORIAS, n.º 26, relativo a março do corrente anno. Traz um espirituoso desenho de Raphael Bórdalo Pinheiro representando o sr. Henry Burnay com um esplendido artigo de Ribaixo. As lytographias feitas na officina do sr.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL, EM LISBOA



CALIX DO BISPO DE COIMBRA D. JORGE D'ALMEIDA

Justino Guedes honram muito os trabalhos d'aquelle estabelecimento.

SCIENCIA PARA TODOS, redactor Francisco de Almeida, n.ºs 12 e 13 com artigos de vulgarisação scientifica muito interessantes.

ESTATUTOS DO REAL HOSPITAL DE CRIANÇAS MARIA PIA. Com este titulo acha-se fundado na cidade do Porto um estabelecimento de caridade, que se propõe a tratar de creanças enfermas de ambos os sexos.

PERFIS ARTISTICOS n.ºs 1 a 17. É uma publicação que se occupa de assumptos musicaes, e que publica em cada um dos seus numeros um retrato photographico e biographia de artistas musicos. Não recebemos as photographias respectivas a cada numero.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS. — *Centuria de celebridades femininas, illustradas com oito retratos; segundo anno, quarta serie* — Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas, premiada com medalha de ouro na exposiçao do Rio de Janeiro, 40, rua da Catalaya, 52, 1882. É um ramillete formado por um gru-

po de mulheres mais ou menos celebres, estrangeiras, que em seu tempo adquiriram fama notavel, que o porvir tem consagrado com a immortalidade. Em breve quadro não se podem fazer largas considerações, e por isso n'aquellas curtas biographias apenas se tocam os pontos principaes da vida de cada uma, assignalando aquillo porque se tornaram mais merecedoras da nossa contemplação. É' possivel que houvesse outras mais dignas de figurarem n'aquella lista, do que algumas que lá veem, mas isso nem sempre se pôde aquilatar. Na biographia de Lucrecia Borgia é pena que se não aproveitassem as especies novas descobertas e postas a lume pela critica moderna, que provam que Ariosto e Bembo fallavam verdade, e não os calumniadores d'aquella matrona, que fizeram d'ella um typo lendario, que se vê, por isso, que ha de custar a dissipar.

A EXPOSIÇÃO DO VENERANDO CORPO DO APOSTOLO DAS INDIAS S. FRANCISCO XAVIER, em 1878. — *Noticia historica por Viriato Antonio Caetano Braz d'Albuquerque. Nova Goa, Typographia da Cruz, 1879.* — 4.º de VIII pag. de rosto, dedicatória, advertencia, retrato do Santo, 100 de texto e 3 de erratas. É' uma noticia circunstanciada da ultima exposiçao do corpo do venerando Apostolo das Indias, cuja vida e feitos tanto impressionou o mundo, e que apesar do estigma que depois veio quebrar os creditos da companhia de Jesus, jámais empanou o brilho que deixou no mundo aquella alma pura, a quem rendem preito, christãos e gentios. Presidiu a tão solemne acto e foi d'elle promotor outro varão virtuoso, que em annos verdadeiramente curtos, mostrava todo o senso e cordura de idade mais adeantada, e que a mão da morte roubou cedo a India, que n'elle tinha postas suas mais caras esperanças, o illustre arcebispo D. Ayres d'Ornellas. Vem n'este opusculo incluída a pastoral do prestante prelado, muitos panegyricos, exame do corpo do santo, relação das solemnidades que se celebraram por essa occasião, indicação dos milhares de pessoas que de toda a parte concorreram a assistir áquelles festejos, incluindo prelados, grandes, rajahs etc. de varias nações; nota das oblatas offerecidas ao santo e por fim uma relação de pessoas que se acharam curadas de males que soffriam, mostrando quanto é verdadeiro o ditado, a fé é que nos salva. É' pois a noticia, um documento historico interessante.

ENIGMA



LHACOI
LPAU

Explicação do enigma do numero antecedente: Preto é o carvoeiro branco é seu dinheiro.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA 6, Rua do Thesouro Velho, 6

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA PELO COMMENDADOR GIL VAZ

Anotado pelas principaes escriptoras. Illustrações do Manual de Macedo. A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

À VENDA NA EMPREZA DO OCCIDENTE PREÇO 500 RÉIS. Envia-se para as provincias franco de porte.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lytographia. É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA. 240 RÉIS

À venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á Empreza do Occidente, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

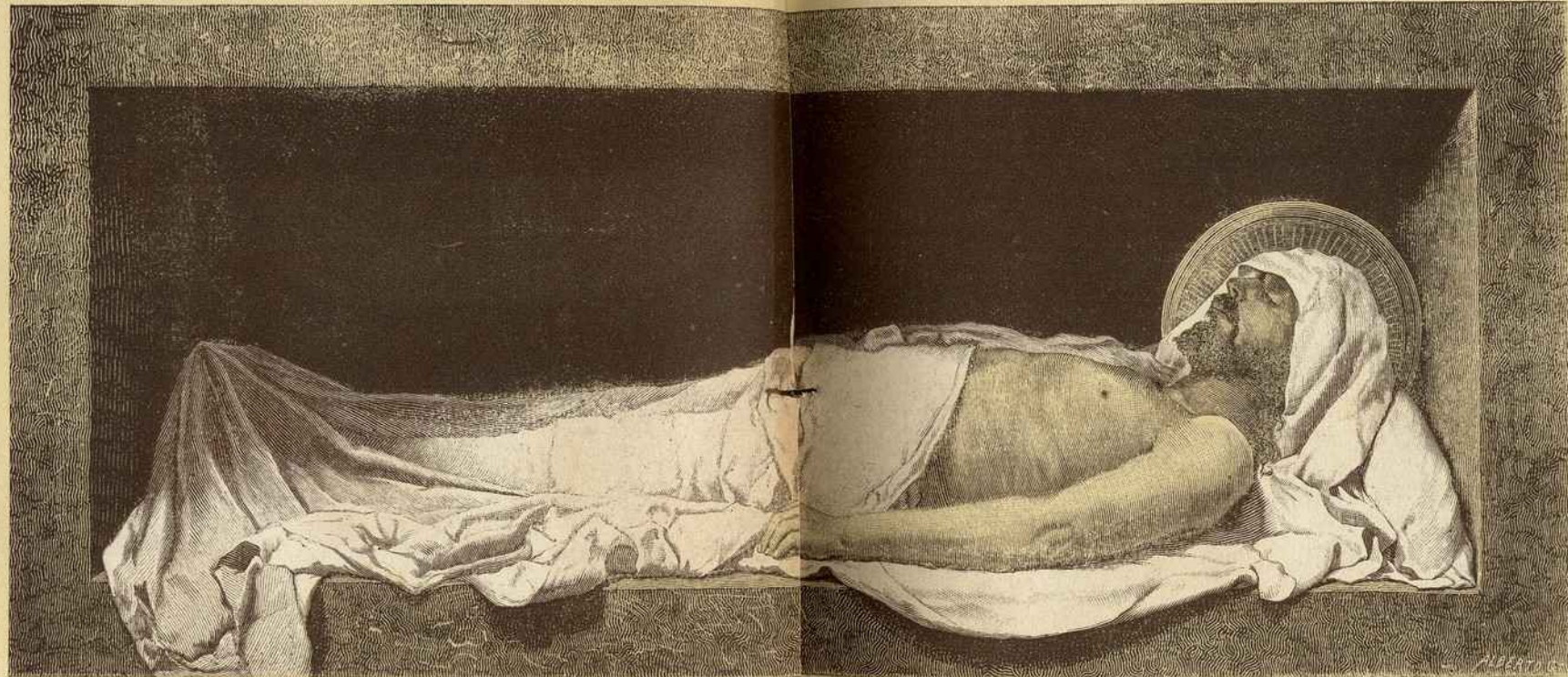
CAPAS CARTONADAS PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do Occidente tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do Occidente, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio. Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 18200 réis.



JESUS CHRIST NO TUMULO

QUADRO DE J. VICTORINO RIBEIRO, PERTENCENTE AO SR. VISCONDE DAS LARANGEIRAS

DESENHO DE M. DE MACIEL — GRAVURA DE ALBERTO

(Segundo uma photographia de Gouffier)